

IMPORTÂNCIA DO USO DAS TDIC NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES INICIAIS

Recebido: 29/12/2022

Aceito: 11/01/2023

*Thalita Moraes de Carvalho*¹

*Andrieli Dal Pizzol*²

*Vanessa Elisabete Raue Rodrigues*³

RESUMO

A inclusão das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um tema que está em aprofundamento nas discussões educacionais. A referida pesquisa teve como objetivo geral realizar um estudo bibliográfico sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na EJA, destacando as contribuições que o acesso às TDIC proporciona para as pessoas que fazem parte dessa modalidade de ensino. A pesquisa apresenta a seguinte metodologia: primeiramente uma cronologia, em um contexto histórico, onde se relata quais foram as iniciativas tomadas pelos profissionais envolvidos na área da educação para que jovens e adultos fossem inseridos no mundo digital. Posteriormente, apresenta como é realizada a inserção dos recursos tecnológicos de forma que os alunos interajam e assimilem com o conteúdo ministrado e adquiram conhecimento. Apresenta também a formação continuada de professores para a utilização das TDIC nas práticas com a EJA e de que forma os mecanismos usados em sala de aula auxiliam na formação cidadã do indivíduo.

Palavras-chaves: tecnologias; analfabetismo digital; recursos tecnológicos; educação de jovens e adultos.

ABSTRACT

The inclusion of technologies in Youth and Adult Education (YAE) is a topic that is being deepened in educational discussions. The general objective of this research was to conduct a bibliographic study on the use of Digital Information and Communication Technologies (ICT) in EJA, highlighting the contributions that access to ICT provides for people who are part of this education modality. The research presents the following methodology: first, a chronology, in a historical context, where the initiatives taken by professionals involved in the field of education for young people and adults to be inserted in the digital world are reported. Later, it presents how the insertion of technological resources is done in a way that students interact and assimilate with the content taught and acquire knowledge. It also presents the continuing education of teachers for the use of ICT in the practices with EJA and how the mechanisms used in the classroom help in the formation of citizenship of the individual.

Keywords: technologies; digital illiteracy; technological resources; youth and adult education.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Atualmente integra a equipe pedagógica do Colégio Fera em Guarapuava-PR; e-mail: thali.mcarvalho2@gmail.com

2 Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente integra a equipe Multidisciplinar do Núcleo de Educação a Distância da Unicentro. Paranaíba-MS, Brasil. E-mail: andrieli dp@gmail.com. Orcid: 0000-00024878-476x.

3 Doutora em Educação e Pós-doutora em Educação pela UEPG. Atualmente é professora colaboradora do Departamento de Pedagogia (Deped) na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Guarapuava-PR, Brasil. E-mail: vanessarodrigues@unicentro.br. Orcid: 0000-0003-4943-921X.

INTRODUÇÃO

O acesso ao conhecimento deve ir além das estratégias tradicionais de abordagem de ensino. Em um cotidiano onde as tecnologias estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia, sua incorporação no ambiente escolar é de suma importância. Na atualidade, combater o alto número de analfabetos é primordial, o que significa dar condições para acesso ao conhecimento e à apropriação nas diferentes linguagens, como também a inserção dos sujeitos na sociedade conectada. A inclusão por meio das tecnologias digitais se faz muito importante, ao passo que, aos poucos, se possa diminuir as barreiras frente o analfabetismo digital.

Oferecer o acesso das tecnologias a sua formação é favorecer a autonomia, proporcionar a autoestima e facilitar o cotidiano, como o uso de redes sociais, acessos a plataformas digitais de músicas e jogos, entre outros. O uso e aprimoramento dos recursos digitais promovem a emancipação do sujeito, visto que para tarefas simples como interagir com as pessoas, ter acesso às informações sobre a situação mundial de saúde, intervir e atuar na sociedade, de modo geral, é preciso que saibamos usar as tecnologias. O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), durante a pandemia, se tornou imprescindível para a comunicação e, por consequência, à aprendizagem. Nesse período de isolamento social, as tecnologias mais do que nunca foram aliadas da aprendizagem.

No final da década de 70, houve a primeira ação para o contato com recursos tecnológicos, desde então vêm sendo investido na implantação de computadores em grandes centros educacionais. Com isso, podemos dizer que só houve acesso a aparelhos, nas escolas públicas, trinta anos depois dessa primeira atitude. Posteriormente, em 2007, surgiu as *Tvs-pendrive*⁴, uma medida do governo estadual que implantou, em todas as salas de aula, uma TV 29 polegadas com entradas para VHS, DVD, cartão de memória, *pendrive* e saídas para caixas de som. Disponibilizando a oportunidade de o professor preparar o conteúdo e levar em sala de aula por meio de *slides*, vídeos e imagens. Foi de grande importância disponibilizar as *Tvs-pendrive*, entretanto, o aparelho não apresentou um bom desempenho, embora a iniciativa em inserir recursos tecnológicos no ambiente escolar tenha sido válida.

Na análise inicial referente aos recursos usados no contexto de Educação de Jovens e Adultos (EJA), podemos notar que é preciso superar o paradigma instrumental e adotar novas metodologias para que seu uso educacional alcance todas as possibilidades de ensino, assim como a transformação da sociedade e autonomia dos sujeitos. No entanto, isso só será viável se a EJA for compreendida a partir de uma perspectiva não compensatória, que tenha por base o sentido pleno de educação ao longo da vida. Se dotada dessa significação, ela permitirá reconhecer os sujeitos adultos como dotados da capacidade de aprender, de se incluir, social e digitalmente e, portanto, de se empoderar.

Este estudo teve como aportes teóricos principais os estudos de Freire (1989, 2001), Freitas (2010), Dos Santos Joaquim e Pesce (2016), entre outros. Foi possível verificar que a EJA busca proporcionar, além do letramento nas diferentes linguagens, oportunidades para aqueles que, por diversos motivos, foram privados de continuarem seus estudos, a serem inseridos em uma sociedade com desafios impostos pela realidade do convívio social. A seguir, será apresentado, brevemente, o histórico das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), explicitando sobre algumas das medidas políticas adotadas ao longo dos

4 Informação disponível no manual oferecido aos professores pelo Governo do Estado do Paraná. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/manual_tvpndrive.pdf.

anos para que as tecnologias fossem inseridas em sala de aula, e, posteriormente, a importância de formação de professores, das metodologias e dos investimentos para que a educação de jovens e adultos seja uma formação continuada ao longo da vida.

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUA RELAÇÃO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Com o passar do tempo, as necessidades da sociedade foram se modificando, consequentemente, os indivíduos inseridos nela precisam se atualizar. A educação de jovens e adultos surgiu por meio da necessidade de inserir um maior número de adultos aptos a conviver na nova realidade.

A primeira escola para adultos no Brasil surgiu em 1860, no estado do Maranhão. Em 1876, já existiam 117 escolas, sendo que elas possuíam fins específicos, como, por exemplo: no Pará, para a alfabetização de escravos e, no Maranhão, para esclarecer colonos de seus direitos e deveres.

Ressurgindo novamente em 1880, com o estímulo dado pela reforma eleitoral Lei Saraiva, no Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881, onde os analfabetos deveriam saber escrever o próprio nome para ter direito ao voto, foi um dos acontecimentos que alavancou a educação da população adulta na época. Historicamente, a educação de jovens e adultos tem caráter compensatório no Brasil, e os não alfabetizados eram discriminados e considerados incapazes de desempenhar suas responsabilidades. Como afirma Dos Santos Joaquim e Pesce (2016, p. 28), “O adulto analfabeto ou pouco escolarizado era entendido como um sujeito incapaz de decidir por si mesmo, nas diversas esferas da vida social”.

Como percebemos durante o período colonial, o Império e a Primeira República (1500 a 1930), as políticas públicas de educação para as pessoas adultas no Brasil eram praticamente inexistentes. A preocupação com o ensino de adultos apareceu pela primeira vez na Constituição de 1934 e, posteriormente, no Plano Nacional de Educação, entre 1936 e 1937, que indicava, pela primeira vez, a educação de adultos como dever do Estado.

Contudo, a formação de jovens e adultos ainda mostra sinais de uma educação compensatória. Salientamos a importância de que a formação de professores, as metodologias e os investimentos para que a educação de jovens e adultos seja uma formação continuada ao longo da vida, se adequando às reais necessidades que a sociedade apresenta. Segundo Dos Santos Joaquim e Pesce (2016, p. 90):

Hoje, a superação do paradigma compensatório apresenta-se como uma das necessidades mais urgentes para o avanço qualitativo da EJA no Brasil. Acrescenta-se a esse desafio, a necessidade de investimentos na formação específica de professores, a formulação de políticas públicas direcionadas ao atendimento da enorme demanda de adultos com baixa escolaridade e a sua consolidação, como um campo da pesquisa educacional.

Com a iniciativa de inserir as tecnologias na escola, segundo Tajra (1998), a informática na educação passou a ser objeto de estudos no Brasil no final da década de 1970, a partir do projeto Educação com Computador (EDUCOM). Considerada a primeira iniciativa oficial de estimular a inserção de computadores em escolas públicas. Tratando sobre o uso da tecnologia no país, Carneiro (2002, p.49) garantiu que, no “[...] início da década

de 80, começa a desenvolver-se a Política da Informação Educativa (PIE), caracterizada por atividades de pesquisa e seminários de discussão em pequena escala.". Apontou também o Programa Nacional da Informática (PROINFO) e para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) como manifestações legais da preocupação do governo brasileiro com o uso das tecnologias na educação.

O trabalho de Cavanagh (1997), apresentado na V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos (Coinfintea), demonstrou que um dos pontos importantes desse tema se refere ao como fazer numerosas mudanças observadas na EJA, oportunidades para melhorar a participação e a prática desses alunos com os recursos digitais.

A alfabetização na atualidade ganha novo sentido, não apenas ensinando a leitura da palavra, mas também ensinando a alfabetização como leitura de mundo, de modo que a tecnologia na alfabetização deve trazer conteúdos que agreguem ao seu conhecimento, para que, assim, possamos ajudar a formar cidadãos críticos, efetivamente atuantes na sociedade, como dizem as palavras de Paulo Freire (1989, p. 19):

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra.

Na definição de Paulo Freire (2001, p.12) sobre o ser humano, o considerando como ser histórico-social, por meio da qual sabemos que o poder é algo que nos define e que a aquisição desse poder é herdada e adquirida. Isso nos torna limitados e inconclusos enquanto sujeitos históricos, porém conscientes disso. Assim,

Ressaltamos inicialmente a sua condição de ser histórico-social, experimentando continuamente a tensão de estar sendo para poder ser e de estar sendo não apenas o que herda mas também o que adquire e não de forma mecânica. Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão.

Ao sermos seres humanos conscientes da nossa inclusão, somos seres em constante aprendizagem. A aprendizagem ao longo da vida ajuda na participação cidadã na sociedade, o que inclui vários fatores, como desenvolvimento de competências laborais, aprendizagem de línguas e relações de comunicação, bem como o manejo de tecnologias.

Segundo Paulo Freire (2001, p. 12), no livro *Política e Educação*,

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza "não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Sabendo que a educação é permanente, não podemos deixar que a maneira de

ensinar e aprender seja sempre a mesma. É importante que o espaço e o tempo em que o sujeito está inserido sejam usados para educar, facilitando a compreensão desses processos ao longo da sua aprendizagem. Assim, como afirma Freire (2001, p. 13), “[...] Os conteúdos, os objetivos, os métodos, os processos, os instrumentos tecnológicos a serviço da educação permanente, estes sim, não apenas podem, mas devem variar de espaço tempo a espaço tempo”.

Dessa forma, devemos reconhecer a educação como condutora de mudanças, pois, em um mundo de diversidades, a educação tem papel transformador na história. Ao ser instrumento capaz de instituir mudanças na realidade, a educação é a portadora de inúmeras possibilidades. O nosso papel quanto educador é descobrir de que formas podemos contribuir para a mudança na realidade dos nossos alunos, de maneira que se tornem autônomos e donos do seu próprio destino. Segundo Freire (2001, p.20), nosso papel como educadores

É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força, como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: Unidade na Diversidade.

O professor como agente capaz de mudar a perspectiva, por meio de intervenções metodológicas previamente planejadas e pensadas a partir da cultura em que o educando está inserido, já tem sua eficácia comprovada pelo método Paulo Freire em vários momentos. Com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), cada vez mais presentes no cotidiano, é necessário pensar em metodologias que as insiram de maneira significativa no contexto de aprendizagem do educando.

A escassez de trabalhos sobre a inserção das TDIC no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sua importância no aprendizado e a importância de se refletir sobre a formação do professor para trabalhar com as TDIC na EJA nos levam a maiores explicações no próximo tópico.

O USO DAS TDIC NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NA EJA

Como o público da EJA se trata de pessoas de diversas idades, há certa dificuldade em elaborar métodos de ensino que alcancem todo público de alunos. Diante desse cenário, o professor precisa ter conhecimento das várias técnicas de ensino possíveis. Utilizar as ferramentas digitais possibilita ampliar recursos disponíveis a serem usados na prática pedagógica. Pensando nessa diversidade, é possível criar metodologias, usando de suas experiências e conhecimentos prévios para atingir uma aprendizagem satisfatória. Isso dá a possibilidade de inovar a forma de ensinar e inserir o sujeito à realidade em que está vivendo.

Na atualidade, é importante que o professor ajude aos alunos a entender os seus direitos e atuar como sujeito cidadão na sociedade, visto que as tecnologias estão constantemente inseridas nessa realidade, os professores devem conhecer e familiarizar-se às tecnologias, as quais se modificam e se aperfeiçoam quase que diariamente.

A cultura hoje se produz de forma diferente que há tempos atrás e, com isso, as formas de aprender foram mudando, não apenas circulando dentro das escolas e em volta somente dos livros. Isso causa um enorme desafio ao sistema educativo que precisa se adaptar a essa nova forma de aprender, criando metodologias e capacitação para que os professores estejam aptos a cumprir mais esse desafio.

Visto que o letramento digital vai além do manuseio do computador, saber como utilizá-la de maneira que agregue valor a formação é o que afirma Freitas (2010, p. 338): “Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso”. A dificuldade está em estabelecer um conhecimento crítico sobre as tecnologias, por serem usadas de maneira geral para o lazer e entretenimento.

Para que ocorra uma alfabetização crítica, deve ser feita a leitura não só da palavra escrita, mas do mundo, que também deve ser lido com um olhar crítico. Para Freire (1989, p. 15), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca.”. Ao escutar o que os alunos entendem pela sua realidade, nos dá o ponto de partida para começar a alfabetização. A partir da sua compreensão da realidade é que podemos direcionar a educação libertadora, não impondo nossos conhecimentos, mas construindo a partir do cotidiano dos alunos sua própria educação. Segundo Paulo Freire (1989, p. 17), “[...] temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos - não importa quem sejam - estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade”.

Que a tecnologia está presente cada vez mais no nosso cotidiano, isso é fato. O que Freitas (2010) destaca é que, mesmo professores com recursos e formação adequada, muitas vezes ainda não dominam os gêneros discursivos e linguagens digitais.

Se o desejável é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pelo digital, é preciso ir muito além. Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar (FREITAS, 2010, p. 340).

Alguns dos alunos nasceram na era digital e a maioria já possui certo conhecimento sobre as ferramentas, o que muitas vezes se torna uma dificuldade para os professores. Podemos destacar, numa visão mais ampla sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, que o primeiro grupo, caracterizado pelas pessoas nascidas antes da era tecnológica permeada pela internet, foi se apropriando das novidades e adaptando o seu uso no seu dia a dia, diferentemente dos nativos digitais que já nasceram inseridos nessa tecnologia, como discutem Dal Pizzol, Santinello e Lira (2020, p. 385):

[...] os nativos digitais possuem características ligadas à forma como se utilizam dos artefatos digitais, pois possuem maior sensibilidade para manipular os dispositivos, conseguem realizar tarefas diferentes ao mesmo tempo, são produtores e consumidores de conteúdos.

Ao oferecer uma formação adequada e contínua aos professores sobre as tecnologias, e se essas forem associadas a uma proposta pedagógica bem elaborada, se tornarão

de grande importância para aprendizagem tanto do aluno quanto do professor. As tecnologias na educação devem ser repensadas, primordialmente vistas como possibilidade facilitadora para o desenvolvimento de atividades inovadoras que auxiliem o aprendizado e apresentadas aos alunos de maneira que eles a utilizem a favor na sua formação; que, ao se apropriarem das tecnologias, possam desenvolver a sua própria forma de aprender e, então, seja promovida a emancipação dos sujeitos. O que segundo Dos Santos Joaquim e Pesce (2016, p. 91):

O impacto transformador das TDIC na EJA e na educação como um todo, só é possível se estiver em confluência com a criação de novas metodologias, formação de professores para seu uso educacional e não meramente instrumental e políticas públicas que garantam infraestrutura para as escolas.

Muitas pessoas conhecem as tecnologias, possuem aparelhos *Smartphones*, mas seu uso fica restrito às redes sociais e não ao espaço pedagógico. Garantir o acesso às ferramentas tecnológicas, que estão cada vez mais presentes na educação, são indispensáveis, porém também é preciso formar professores que compreendem as tecnologias como ferramentas que possuem significado.

Não é somente ensinar a manusear, o propósito de utilizar as TDIC com os alunos é torná-los autônomos e críticos de sua formação como cidadão. De modo que as tecnologias sejam usadas de forma significativa e não substituam as práticas já existentes, explorando as inúmeras possibilidades que as ferramentas tecnológicas podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Na atual conjuntura, se tornam indispensáveis à formação adequada de professores, segundo o Freitas (2010, p. 345), ao relatar que, nos cursos de pedagogia e licenciaturas se encontram discussões sobre o tema, porém, pouco é feito na prática, pois “[...] estuda-se sobre a informática na educação, mas não se forma o futuro professor, trabalhando seu letramento digital ou envolvendo-o em atividades de efetivo uso do computador-internet como instrumentos de aprendizagem”. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente.

O acesso facilitado tornou-se um novo perfil de estudante, o que não pode deixar de criar também um novo perfil de professor. Como destacam Dal Pizzol, Santinello e Pinheiro (2021):

Na profissão de educador, é preciso pensar para além do seu uso cotidiano, pois, os professores precisam rever sua prática pedagógica frente aos desafios que as tecnologias apresentam e explorá-las da melhor forma possível para que o processo de aprendizagem seja contemplado de forma produtiva (DAL PIZZOL, SANTINELLO, PINHEIRO, 2021, p. 12).

Para além da inserção instrumental das tecnologias, o professor precisa refletir sobre esse uso, sua intencionalidade frente ao trabalho desenvolvido e como os alunos farão essa interação com as tecnologias. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental, como afirma Freitas (2010, p. 337), pois,

Além de máquinas, são instrumentos de linguagem que exigem, para seu acesso e uso, diferentes e novas práticas de leitura-escrita. De modo geral,

todos os usos do computador-internet se processam a partir da leitura-escrita e da presença cada vez mais intensa de recursos multissemióticos, multimidiáticos e hipermidiáticos nessa tecnologia.

Em decorrência da pandemia, o uso das TDIC pela educação aumentou, e muitos cursos foram realizados durante o isolamento social, mas que, mesmo assim, a alteração das práticas pedagógicas sentiu resistência pelo uso das ferramentas tecnológicas. Muitas iniciativas durante esse período pandêmico ocorreram por meio dos professores, tanto na rede regular de ensino como também na modalidade de EJA, esses podem ter sentido a falta de formação apropriada e necessária para o momento vivido. Os alunos estão nascendo na era digital, isso faz com que eles cresçam e usem as tecnologias de forma natural, indopara sala de aula com conhecimentos prévios. Usar esse conhecimento e o acesso das informações ao seu favor se faz indispensável para o bom trabalho do professor, pois, segundo Freitas (2010, p. 348),

A possibilidade de pesquisar, ler e conhecer sobre os mais variados assuntos navegando na internet confere ao aluno um novo perfil de estudante, que exige também novo perfil de professor. Cabe ao professor estar atento a essa nova fonte de informações para transformá-las, junto com os alunos, em conhecimento. Essa é uma das características do letramento digital: associar informações, ter uma perspectiva crítica diante delas, transformando-as em conhecimento. O professor é parte inerente e necessária a todo esse processo, em seu lugar insubstituível de mediador e problematizador do conhecimento, um professor que também aprende com o aluno.

Sobre aprender e ensinar, Paulo Freire (2001, p. 12) considera que faz parte de toda existência humana, pelos diversos campos, desde a comunicação até os sentimentos. O ensinar e o aprender estão presentes nas atividades mecânicas e também nas relações sociais dos humanos, uma vez que

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas estas atividades humanas.

Dessa maneira, a atividade de docência exige a ética democrática de ser aberto a todos os tipos de seres humanos, não discriminando as singularidades dos educandos. Ao estar aberto a conhecer e interagir com as todos os saberes e gostos dos alunos, o educador abandona a postura de um processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos em que muitas vezes a educação é confundida.

Então, quanto melhor estabelecida a clareza de nossos projetos, melhor serão apresentados aos estudantes. Em consonância com Freire (2001, p.25), como profissional da educação, devemos saber aonde queremos chegar e de que maneiras podemos alcançar nosso objetivo.

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação.

Enfim, faz-se necessário que nos apropriemos de nosso papel político para que se alcance uma educação em que se possa mudar a sociedade em que estamos inseridos em um ambiente melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou realizar um estudo bibliográfico sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos. Essas reflexões iniciais partiram da inquietude em relação ao trabalho com que as práticas pedagógicas são realizadas na modalidade EJA e no ensino regular.

Dentre tantos problemas, podemos citar que a falta de infraestrutura, recursos adequados e, principalmente, a formação continuada adequada afetam consideravelmente nas práticas realizadas em sala de aula, em seus diferentes contextos. Importante destacar que as tecnologias digitais podem estar excluindo esses alunos do EJA, seja pela falta de acesso, recursos e também em como utilizá-los, sendo imprescindível incentivá-los a usar essas TD.

Ao refletir sobre a formação continuada dos professores, deve-se oferecer condições de se apropriar das tecnologias digitais, compreendendo-as como possibilidades de produção e compartilhamento de conhecimento e informação. O professor tendo familiaridade com as tecnologias digitais, poderá utilizar em sua prática na EJA, partindo do pressuposto de que o uso social desses artefatos é uma forma de incorporar e proporcionar aos sujeitos novas oportunidades.

Superar as estratégias tradicionais de abordagem de ensino é um desafio a ser alcançado ao utilizar as tecnologias em sala de aula, tomar o devido cuidado para que ao usar as tecnologias não estejamos impondo antigas metodologias. Ao proporcionar práticas de ensino que incentivem os educandos a buscar mais informações com as tecnologias, contribuímos para combater o alto número de analfabetos digitais. Deixando que cada um desenvolva o seu próprio modo de buscar e criar informações, é favorecida a autonomia, proporcionando a autoestima e, conseqüentemente, facilita o cotidiano.

Superar o paradigma instrumental ao usar as ferramentas digitais é necessário para que a aprendizagem se torne algo significativo para o educando. Utilizar as tecnologias no processo educacional aumenta a possibilidade de novas metodologias serem usadas no ensino da EJA. Se apropriar e utilizar de maneira significativa pode transformar a maneira com que aprendemos e de como ensinamos, ou seja, a implantação do ensino correto do uso das tecnologias favorece a transformação da sociedade.

Por fim, a Educação de Jovens e Adultos está deixando de ser vista como compensatória e sendo encarada no sentido de educar ao longo da vida, o que já gera grande impacto na realidade. Ao adotar e compreender o papel do letramento digital, a EJA é a principal fonte de oportunidades de inserção social.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, R. **Informática na educação**: representações sociais do cotidiano. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CAVANAGH, C. El aprendizaje de los adultos, los medios de comunicación, la cultura y las nuevas tecnologías de la información y comunicación. In: **CONFINTEA**, 5, Anais... Tema 7, 1997, p.161-178.

DAL PIZZOL, A.; SANTINELLO, J; LIRA, A. C. M; Os nativos digitais e a escola, e agora? **TRIVIUM**, v.7, p.302 - 317, 2020. Disponível em: <https://ucpparana.edu.br/content/uploads/2020/08/TRIVIUM-Volume-7-Numero-2-20201.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021

DAL PIZZOL, A; SANTINELLO, J.; PINHEIRO, B. E. H. Formação continuada de professores e o uso das tecnologias. **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4177>. Acesso em: 17 fev. 2022

DOS SANTOS JOAQUIM, B; PESCE, L. As tecnologias digitais da informação e da comunicação nos contextos da educação de jovens e adultos: uma revisão de literatura (2007-2014). **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 4, n. 1, p. 86-106, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/469>. Acesso em: 10 out. 2021

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Política e educação**: Ensaios / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001

FREITAS, M.T. LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Educação em Revista**. v.26 | n.03 | p.335-352 | dez. 2010

TAJRA, S. F. **Informática na educação**: professor na atualidade. São Paulo: Érica, 1998.